

LAP- Ramo de Escultura

Unidade Curricular: Projeto

Docentes: Fernando Amaral e Rute Rosas

Ano letivo 2019/2020 - 1º semestre

PROJETO INDIVIDUAL

PELA SOMBRA

SINOPSE

Neste semestre pretendo dar continuidade ao trabalho efetuado no ano anterior. Trabalhar em torno da questão da luz/sombra, relação espaço/obra, e também introdução à sinestesia, recorrendo ao uso da cor nas fontes de iluminação, ao áudio, entre outros meios que despertem diferentes sentidos. Pretendo igualmente explorar novos materiais, como o têxtil, o látex, ceras, entre outros, inserindo-os nesta temática da luz/sombra, e criando novas texturas com matérias distintas, volumes, projeções no espaço, etc. A relação com o espaço é desde logo bastante importante, sendo que as peças têm por base um estudo da luz, e, portanto, uma certa dependência ou adaptação ao espaço expositivo. Existe na maioria das vezes uma interação direta com o espaço e a sua arquitetura, sendo as peças construídas especificamente para ou até mesmo no local, ou requerendo uma adaptação consoante o espaço, no caso especial do uso de luz natural.

Neste processo de construção de um projeto individual, tenho vindo a apoiar-me em vários artistas, entre eles Olafur Eliasson, Regina Silveira, Joan Jonas e James Turrell. Todos eles com trabalhos bastante distintos, mas com um tema que os liga, a luz. É através das obras destes artistas, dos seus métodos de trabalho, bem como a reação dos espectadores em contacto com as obras, que me tenho vindo a inspirar. Complementando obviamente com as minhas referências pessoais e vivências do quotidiano.

A luz natural/artificial, quente/fria, o brilho, o sol, o foco, o divino/religioso, a trajetória, a dispersão, a intensidade, o raio, a onda, a(s) sombra(s).

Um espaço aberto/fechado, claustrofóbico, a questão da distância, dos limites, o vazio, a partilha, a criação de um ambiente, rural/urbano, social, a questão do presente/ausente.

O reflexo provocado por um espelho, pela água, a criação de uma imagem, ou de múltiplas imagens/espacos, o efeito de deformação, o irreal, enganoso.

A luz como meio de destacamento de uma peça, como elemento constituinte, ou até mesmo assumida como uma obra por si só, de uma forma minimalista, são para este projeto o meu ponto de partida. Fenómenos naturais, formas orgânicas presentes na natureza, efeitos “incontroláveis”, etc, sempre foram grande fonte de inspiração e interesse. Estes elementos e espaços característicos estiveram desde sempre ligados a mim, talvez por ter nascido e crescido em ambiente rural, e daí ter desenvolvido um gosto e uma tendência para posteriormente os utilizar no processo de construção de projetos.

A ideia é explorar a questão da luz, bem como da sua ausência. A luz é que nos dá as sombras, as dimensões. Sem luz não temos objetos, não temos volume, não temos escultura. A nossa perceção visual de volume dá-se por manchas, não é algo linear, e é exatamente a presença de luz que cria essas manchas.

Com a luz e a mancha vem obrigatoriamente associada a sombra. A sombra é um bloqueio de luz provocado por determinado corpo. Esta pode ser mais ou menos nítida, dependendo da opacidade do mesmo, sendo que quanto mais opaco o corpo for, mais nítida será a sua sombra. Pode também adquirir diferentes tamanhos e/ou formas, dependendo da distância luz/corpo e direção da fonte luminosa, sendo considerada de certa forma enganadora, pois não respeita a forma original do corpo impedor. É possível ainda que a sombra de apenas um objeto/corpo se torne múltipla, se o espaço possuir não apenas uma, mas várias fontes de luz. Ou seja, pretende-se aqui explorar a questão da opacidade, as tonalidades e texturas que surgem nesse processo, bem como a deformação e manipulação da sombra. Devemos ainda considerar que o uso da luz não implica que esta seja necessariamente artificial, pode ser natural, sendo a peça construída para um espaço exterior, ou, no caso do interior, dependente de entradas de luz. Com a utilização da luz natural, há uma certa falta de controlo em relação à artificial, que é facilmente ajustável. No caso, a peça estará em constante mudança, alterando a sua aparência e perceção por parte do espetador de acordo com a hora do dia e o grau de luminosidade correspondente.

Sombra e luz são conceitos por norma considerados opostos, sendo a luz associada à cor branca, e a sombra à preta. Possuem também simbologias, sendo que a luz, os tons brancos e/ou suaves remetem para o angelical, o aparente, o que é visível a olho nu, a beleza e a perfeição. Já a sombra traz consigo uma carga negativa, pois esta é a ausência de luz, a escuridão, as trevas. Os tons escuros, remetem, portanto, para o visceral, o interior, o “feio”, mas que na verdade controla o nosso corpo, pois o aparente nada é sem o interior. Existe também uma ligação com o quotidiano, em que a luz poderá representar os “dias bons”, e a sombra os “dias maus, ou menos bons”. A questão do negativo/positivo como bom e mau, mas também como complemento, ou seja, tal como os moldes, por exemplo, que são peças opostas, mas se encaixam, se completam.

Em conclusão, pretendo desenvolver as questões relacionadas com a luz/sombra, e a sua interação com o espaço/obra, utilizar diferentes matérias, sempre mantendo uma linha orgânica e simplificada. A ideia é estudar e criar um processo de trabalho partindo dos diferentes fenómenos ou elementos naturais, realizando uma análise das suas formas, bem como possíveis efeitos conseguidos através dos mesmos, mas sem a sua utilização implícita no objeto finalizado.

Pretendo também explorar a parte da relação do objeto com o espaço e com o espectador. Despertar a atenção de diversos sentidos, através da iluminação, do áudio, odores, etc, ideia de experiência sensorial. Pretendo sobretudo trabalhar a simplicidade, a essência e o essencial.

REFERÊNCIAS:

- Dan Flavin

Dan Flavin foi um artista minimalista, famoso por criar esculturas e instalações a partir de lâmpadas fluorescentes. Flavin cria estruturas luminosas para explorar cores, luzes e espaços, construindo obras que preenchem por completo os interiores das galerias. Estas estruturas projetam luz e uma sombra colorida, assumindo uma variedade de formas, sejam peças de canto, de parede, um muro, etc.

Este é um artista minimalista que utiliza como meio a luz, a luz não ilumina, mas sim constrói a sua obra, é esse o seu objeto. Esta é uma das minhas possíveis abordagens, a luz como obra por si só. Dan Flavin é portanto uma referência para a construção deste projeto.

- James Turrell

James Turrell trabalha diretamente com luz e espaço para criar obras que envolvam os espectadores, estudando assim a percepção humana. O crítico nova-iorquino Calvin Tompkins escreveu: “His work is not about light, or a record of light; it is light — the physical presence of light made manifest in sensory form.”.

Turrell cita frequentemente a alegoria da Caverna de Platão, dizendo que nós vivemos numa realidade que é a nossa própria criação, sujeita às nossas limitações sensoriais humanas, bem como às normas contextuais e culturais. Isso é evidente nos imensos “Skyspaces” de Turrell, onde é criada uma abertura no teto, tornando visível o céu. O simples ato de observar o amanhecer e anoitecer revela como criamos internamente as cores que vemos e, portanto, a nossa realidade percebida.

O meio/ material de trabalho de Turrell é simplesmente a luz, o artista explica “My work has no object, no image and no focus. With no object, no image and no focus, what are you looking at? You are looking at you looking. What is important to me is to create an experience of wordless thought.”

Aqui há um uso da sinestesia, questão que gostaria também de explorar, tal como referido anteriormente. Quer utilizando as diferentes tonalidades e temperaturas da cor, quer introduzindo o áudio, por exemplo.

- Joan Jonas

É pioneira nas áreas da performance, do vídeo e da instalação. Estudou escultura e história da arte. Inspira-se em diferentes culturas e tradições, o seu universo de imagens provém de diversas fontes (contos de fadas, mitos, folclore local, etc), que a artista adapta de forma a relacioná-la com a vida contemporânea.

Jonas cria uma complexa sobreposição de imagens, utilizando máscaras, espelhos e ecrãs de vídeo. O seu trabalho é poético e político. Demonstra o seu interesse no movimento, na música, identidade feminina, meio ambiente e paisagens naturais e urbanas.

Ao longo da sua carreira, Jonas misturou tecnologia (telas de vídeo, cenários regravados, etc) em sistemas históricos da comunicação, interagindo com tradições de teatro de sombra, mitologia, música ritualista, etc. O jogo de imagens que a artista faz, as projeções sobre objetos tridimensionais, as instalações com vídeo e áudio, etc, são tudo fontes de inspiração para o trabalho que tenho vindo a realizar. É sem dúvida uma abordagem mais tecnológica e visualmente interativa, o que me desperta bastante interesse.

- Lourdes de Castro

A obra de Lourdes de Castro é inicialmente caracterizada por uma forma de abstração, mas esse registo altera-se posteriormente quando a artista, que estudou pintura, abandona os suportes tradicionais da técnica. Lourdes começa por criar objetos construídos, a partir da assemblage de objetos do quotidiano. “Em cada trabalho ela confronta o empobrecimento da forma e dos valores das coisas na sociedade contemporânea com a hipótese de uma alternativa poética. São estas obras tridimensionais que preparam a desmaterialização concretizada nas suas «sombras projetadas». O conceito de sombra torna-se central em praticamente toda a sua produção posterior; sombras recortadas ou projetadas, teatros de sombras, sombras bordadas sobre lençóis fugazes, vários foram os modos e registos de que a artista se socorreu para relacionar essa perceção do imaterial com a necessária materialidade do espaço plástico”. Mais tarde, Lourdes trabalha também com a impressão serigráfica, a sobreposição de placas de acrílico e ainda o bordado.

- Olafur Eliasson

Olafur Eliasson é conhecido pelas suas esculturas e instalações de arte em larga escala, em que utiliza materiais elementares, como luz, água e temperatura do ar, melhorando assim a experiência do espectador. O trabalho de Olafur abrange não só a escultura, mas também a pintura, fotografia, filme e instalação. Não é também limitada a espaços museológicos ou galerias, a sua prática inclui projetos arquitetónicos, intervenções em espaços públicos, educação de arte, e ainda questões de sustentabilidade e alterações climáticas. É, portanto, um artista com o qual me identifico bastante, pois utiliza nas suas obras os mesmos elementos com que tenho vindo a trabalhar.

-Regina Silveira

Regina Silveira constrói desde esculturas, a serigrafias, fotomontagens, etc. A artista utiliza imenso a ideia de sombra e de espaço ilusório no seu trabalho, brincando com a noção de perspetiva, e registando sombras de objetos, estando estes ausentes ou presentes no local. Exemplo disso é a obra “In Absentia M.D.” (1983), em que Regina pinta no chão as sombras agigantadas de alguns dos trabalhos mais famosos de Marcel Duchamp, partindo de pedestais vazios. A ideia é reinventar os códigos de representação preestabelecidos e cristalizados de uma forma irónica, de modo a retirar deles novas possibilidades de significação. A artista utiliza a sombra como símbolo de ausência, de algo que o observador tem apenas uma referência visual mental, de memória. Algumas das suas intervenções são diretamente com tinta ou látex sobre paredes ou pisos, adquirindo claramente uma forte relação com a arquitetura. Noutros trabalhos, a artista realiza essa mesma intervenção e criação de espaço ilusório, mas através de projeções luminosas.